

O uso da linguagem na constituição da identidade: o exemplo do “político mineiro”

Marcel Henrique Ângelo ^{1,2}, angelo@faminas.edu.br

1. Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG;
2. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), MG.

RESUMO: O objetivo do presente artigo é demonstrar o emprego discursivo da mineiridade enquanto materialização de uma ideologia que, veiculada em enunciados políticos, implica no sentimento de pertença a uma determinada identidade – criando, assim, laços de identificação com o enunciador das mensagens em questão. Para tanto, a partir de recursos teóricos oriundos da Análise do Discurso Francesa, analisamos dois pronunciamentos do político Aécio Neves, nos quais evocaram-se, em determinados momentos, elementos característicos do também conhecido como mineirismo: “tradição”, “conciliação” e “missão de Minas”. Estas contribuem para configurar um estereótipo do “político mineiro” politicamente mais conveniente às elites das Geraes.

Palavras-chave: discurso, ideologia, mineiridade, política.

RESUMEN: El uso del lenguaje en la constitución de la identidad: el ejemplo del “político mineiro”. El objetivo del presente artículo es mostrar el empleo discursivo del mineirismo como materialización de una ideología que, vinculada en enunciados políticos, implica en el sentimiento de pertenecer a una determinada identidad – creando, así, lazos de identificación con el anunciador de los

mensajes en discusión. Para esto, a partir de recursos teóricos oriundos del Análisis del Discurso Francesa, analizamos dos pronunciamientos del político Aécio Neves, en los cuales se evocaron, en determinados momentos, elementos característicos del también conocido como mineirismo: “tradición”, “conciliación” y “misión de Minas”. Estas contribuyen para configurar un estereotipo del “político minero” políticamente más conveniente a las elites Mineras. **Palabras-llave:** discurso, ideología, mineiridad, política.

ABSTRACT: The use of the language in the constitution of the identity: the example of the politician from Minas Gerais. The aim of the present article is to demonstrate the discursive use of the “mineiridade” as the materialization of an ideology that, transmitted in political statements, implicates in the feeling of belonging to a certain identity - creating, thus, identification bows with the enunciator of the messages. For this, starting from theoretical resources originated from the Analysis of the French Speech, we analyzed two pronouncements of the politician Aécio Neves, in which, in certain moments, characteristic elements also known as “mineirismo” were evoked: “tradition”, “conciliation” and “mission of Minas”. These ones contribute to configure a stereotype of the “ politician from Minas” politically more convenient to the elites of Geraes.

Keywords: speech, ideology, “mineiridade”, politics.

Introdução

Basta nascer em Minas para ser mineiro? A olhos oficiais, sim; mas não no mundo das práticas simbólicas e discursivas. Mais do que uma questão de naturalidade geográfica, integrar-se ao espírito da mineiridade significa envolver-se num emaranhado simbólico – ou, em nossa perspectiva, interdiscursivo – que ajuda a compor a identidade destes “habitantes das montanhas”. Não se trata, portanto, de algo a priori, natural: ao ser alvo do ufanismo geralista que se traduz numa miríade de mensagens, o sujeito se insere num contexto de produção de sentido específico, dentro do qual se identifica, de forma consciente ou não, com um “modelo ideal” de mineiro, histórica e discursivamente elabo-

rado. Dessa forma, assumindo-se “mineiro”, torna-se *sujeito*, resultante da interpelação pela *ideologia da mineiridade*.

A problemática em torno da identidade é ampla e multifacetada, o que nos impede, evidentemente, de dar conta de toda a sua complexidade. Muitas são as ciências que tentam-na explicar e compreender. Nem mesmo sob a luz restritiva do enfoque ora adotado – a atribuição de identidade por meio da interpelação ideológica – o assunto poderia ser esgotado nas páginas a seguir. Assim sendo, o tratamento ocorreu dentro das limitações supracitadas, sempre priorizando aquilo que concernir a sua utilização política: o sujeito “político mineiro” reproduz o discurso que o constitui enquanto representante dessa categoria e reforça o estereótipo por meio do qual cria um laço de identificação com o público a que se dirige. Assim, perpetua o processo de interpelação acima descrito. E descrever seu funcionamento na produção do estereótipo mencionado é o objetivo deste artigo.

Apresentaremos uma breve explanação acerca do tema “identidade”, canalizando a discussão para a questão da mineiridade – a qual só pode ser estimulada, reproduzida e manipulada num contexto propício, o ambiente histórico de Minas. Igualmente em linhas gerais, verificaremos a construção da chamada *ideologia da mineiridade*. Por fim, tencionaremos observar como se dá a interpelação dos indivíduos em sujeitos *mineiros*, engendrada a partir de uma rede interdiscursiva – nomenclaturas que, por si só, já dão pistas da filiação teórica em que nos embasamos: a Análise do Discurso Francesa, buscando fundamentos nos trabalhos de Michel Pêcheux (1990) e Eni Orlandi (1999; 2001). Stuart Hall (2003) serviu como orientação geral naquilo que tange à identidade, cujas relações com a questão da linguagem foram, a nosso ver, bem elaboradas por Maura Penna (1997). E não poderíamos nos esquecer de Maria Arruda (1990), trabalhando com a mitologia da mineiridade.

Nosso objeto de estudo é formado por pronunciamentos de Aécio Neves – tanto no período em que presidiu a Câmara dos Deputados quanto no princípio de sua gestão como governador. Para fins de análise da mineiridade no plano discursivo, restringimos o *corpus* às peças de comunicação em que se explorou, com maior ênfase, o recurso a essa ideologia: um discurso pronunciado no Dia de Minas, no dia 16 de julho de 2001, na cidade de Diamantina (este discurso encontra-se no site <http://www.aecioneves.com.br/home/detalheopiniao-anv-ndin.asp?tipo=Discursos&id=4>); e o pronunciamento de posse de seu governo, proferido no dia 1º de janeiro de 2004, na sacada do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte (este pronunciamento encontra-se no site <http://www.aecioneves.com.br>). São textos nos quais é possível verificar a existência de uma unidade discursiva que extrapola a linearidade textual e compõe a faceta ideológica da mineiridade. Comparando-os, buscaremos encontrar elementos ideológicos que perpassam os “textos” analisados.

I – Mineiridade e representação social – o contexto mineiro

Muitas vezes associado a elementos redutivistas como a pacatez, a vida rural e a morosidade, o termo *mineiridade* adquire maior amplitude e complexidade quando investigado em sua dimensão ideológica, a ser discutida adiante. Sua história revela que os aspectos políticos são mais significativos que os estereótipos mais comuns associados ao também chamado “mineirismo”, haja vista que essa “identidade local”, para simplificarmos o conceito com fins didáticos, é em grande parte tributária tanto dos atribulados acontecimentos ocorridos no estado quanto do uso que as elites locais fizeram deles. Tentemos, resumidamente, ver o porquê.

Vem de longa data a tradição política de Minas Gerais. Dos eventos sedicionários que se desenrolaram no período da Inconfidência, até a participação de políticos mineiros quando da “República do Café com Leite”, na qual os *geralistas* revezavam a cadeira presidencial com os paulistas, a atuação dos homens públicos de Minas ganhou relevo e notoriedade no cenário nacional. Desta forma, cabe ainda destacar a atuação do mineiro Tancredo Neves durante a redemocratização pós-ditatorial, culminando no movimento Diretas-Já; e ainda a presença, na vice-presidência, de mineiros em duas gestões: Itamar Franco como suplente de Fernando Collor de Mello e José Alencar, atual vice-presidente, para nos determos a exemplos mais recentes.

Por tudo isso, a figura do “político mineiro” carrega consigo uma carga simbólica bastante cristalizada no meio público brasileiro. Se já foram revolucionários e inconfidentes, os mineiros personificaram posteriormente os qualificativos, hoje consolidados no senso comum, de “conciliadores”, “anti-extremistas”, “equilibrados” e “pragmáticos” (LIMA, 2000, p. 78). Contudo, embora a mineiridade seja superficialmente entendida como homóloga à identidade mineira (Cf. ARRUDA, 1990, p. 25), esse “espírito das Geraes” é na verdade, conforme demonstrado por Arruda, um conceito mais complexo, englobando, em seus alicerces, três aspectos principais:

1. a valorização mítica do passado de riquezas, exploração e luta pela liberdade em Minas, implicando na existência de forte tendência memorialista e tradicionalista (p. 124); também a
2. habilidade do político mineiro, tido e havido como competente conciliador devido a seu equilíbrio, bom senso e valorização da estabilidade, conferindo a seu estado um
3. papel proeminente num projeto unificação nacional, já que o estado é tido como o “centro” político e geográfico do país, implicando num exacerbado apego à terra, à paisagem e aos valores locais: é a “missão de Minas” (LIMA, p. 215).

No entanto, os mineiros – e seus políticos – não necessariamente “são” assim: eles se representam/são representados dessa maneira. Aqui, é preciso deixar claro que não nos interessa o que seria o “real”, e sim sua representação, que toma por base muito daquilo que se diz do povo mineiro¹. E todas essas características contribuem para configurar a representação social – vista por Maria Cecília Minayo como “categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (1994, p. 89) – que se faz deles, e que as elites locais, principalmente, ajudaram a consolidar, o que será mais explorado adiante. Assim, a conotação que se tem no senso comum ao ser pronunciada a expressão “político mineiro” é, em suma, a da habilidade política. Distingue-se, por exemplo, do “político nordestino”, visto como um “coronel” (PENNA, 1999, p. 136), por uma série de fatores cuja explanação extrapolaria os propósitos do presente artigo.

Todavia, para que seus enunciados sejam legitimados enquanto produzidos por um sujeito “político mineiro”, faz-se necessário, entre outros aspectos, levar em consideração as *condições de produção* em que a cadeia discursiva é elaborada. Para Orlandi, ao tratar disso estamos lidando com quem são os sujeitos, o contexto sócio-histórico em que estão envolvidos e a memória interdiscursiva (1999, p. 30). Além disso, Pêcheux nos lembra que o lugar de onde se enuncia influencia todo o processo de produção de sentido, e, por isso, “a mesma declaração pode ser uma arma terrível ou uma comédia ridícula, segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz” (1990, p. 77). Dessa forma, como se pode depreender, os sentidos são quase que totalmente tributários das condições nas quais surgem.

Com relação ao emprego político da identidade mineira, não é diferente. A história de Minas nos mostra que o discurso da mineiridade está impregnado nos textos de representantes da elite local há séculos, e mesmo na atualidade conserva muitas de suas principais características. Em princípio, o descompasso cronológico entre algumas características da mensagem e seu contexto histórico poderia contradizer o argumento anterior – não fosse uma peculiaridade do mineirismo que enumeramos linhas atrás e que, sem dúvida, se reflete no plano discursivo: o culto quase obsessivo ao passado.

Mesmo na contemporaneidade, como diversos exemplos podem asseverar, nessa *Mitologia da Mineiridade*, que aliás intitula o estudo de Maria Arruda, recorre-se a elementos aparentemente anacrônicos, mas bastante vivos no imaginário local, para preservar a estrutura identitária básica do mineiro (ver anexos). “O mito – uma fala do presente, ainda que referida ao passado – contém a vocação do domínio incontestado do tempo” (ARRUDA, 1990, p. 123,192). Assim, o estratagema mítico aprisiona o tempo e *presentifica* o passado. “É da

1 Para um maior aprofundamento destas questões, ver o primeiro capítulo de “Voz de Minas”, de Alceu Amoroso Lima (2000).

natureza das elaborações míticas a exclusão da temporalidade” (Ibidem, 124). E bebendo dessa fonte inesgotável, que inclui narrativas de luta pela liberdade, como na Inconfidência, recorre-se à origem, de onde retiram-se princípios de identidade (Ibid, 212). É possível que a conseqüência mais relevante dessa eterna exaltação do passado seja a manutenção do *status quo* e o estabelecimento do conservadorismo mineiro, pois

No imaginário político mineiro o apego ao tempo anterior é uma constante. Flutua no presente, mas com os relógios estancados nas horas passadas. A visão dos dias de hoje nutre-se dos eflúvios emanados nas eras de outrora e delas retira um incoercível desejo de realizar, no futuro, o já há muito acontecido (ARRUDA, 1990, p. 215).

A partir daí, ainda seguindo os passos de Arruda, toma forma o vínculo entre o mito da mineiridade à questão da identidade: “(...) cabe ao mito promover a identificação (...) *A mineiridade, ao criar a figura abstrata dos mineiros, identifica-os*; estes, ao moverem-se nos quadros de suas propostas, visíveis nos momentos rituais, reforçam-nas” (1990, p. 130 – grifo nosso). Ou seja: os mitos da mineiridade promovem o sentimento gregário entre os mineiros, que reforçam esse mesmo ideário movendo-se nos quadros das propostas míticas – o que influencia diretamente as práticas sociais.

Mais abaixo será demonstrado de que forma todos esses artifícios são empregados pela classe política. Por ora, devemos mencionar que a representação do “político mineiro” não surge meramente das ações políticas em si e do contexto no qual elas são engendradas, mas principalmente da interdiscursividade aí envolvida. É o que veremos agora.

II – Identidade e interdiscursividade

Chegamos, então, ao centro da discussão: a atribuição de identidades. De antemão, cumpre esclarecer que estas não existem a priori – o que poderia levar até mesmo a interpretações de caráter etnocêntrico – e sim são originadas a partir de uma construção ideológica engendrada por meio da linguagem (Cf. ORTIZ, 1999 e PENNA, 1997). Envolve, portanto, a chamada “comunidade imaginária” – a qual Stuart Hall explicita ao dizer que não nascemos com uma determinada nacionalidade, como se isso fosse algo natural, biológico, e sim somos envolvidos por representações culturais desta natureza, que se consolidam no decorrer de nossa formação (Cf. HALL, 2003, p. 47).

Mas como se determina uma identidade? Inseridos que estamos dentro na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, concentramos em buscar os meios por meio dos quais se materializam os elementos de caráter ideológico (Cf. ORLANDI, 1999, p. 25). E, através da investigação da linguagem em seu funcionamento, é possível notar, baseando-nos em alguns

preceitos teóricos de Maura Penna, a produção de identidades. Para a autora, ao discutirmos “identidade” estamos nos referindo a uma construção simbólica, que se dá por meio da linguagem.

Sem dúvida, práticas lingüísticas e comunicativas podem se tornar, através de um processo histórico e coletivo, símbolos/emblemas de identidade social (...) identidades colocam em pauta os processos de apreensão – através de atos de percepção, pensamento e linguagem – do mundo social (PENNA, 1999, p. 22).

Some-se a esta concepção a noção das pesquisadoras Lúcia Ferreira e Evelyn Orrico, segundo a qual é “a partir da linguagem e de sua manifestação nos diálogos do cotidiano, nos textos e nas imagens que construímos as referências que viabilizam a existência da memória e que permitem que nos identifiquemos como membros deste ou daquele grupo social” (2002, p. 8). Assim, o sentimento de pertença à comunidade imaginária mineira nos é inculcado a partir do contato com produtos culturais que fazem menção a esse ufanismo mineiro. Alguns exemplos representativos disso serão apresentados mais à frente.

Orientando a discussão para aquilo que envolve os fatores discursivos, observamos a identidade como uma confluência interdiscursiva que se estabelece no imaginário popular ao longo dos acontecimentos *materiais* na história². É aí que se elabora todo “conjunto de formulações feitas e já esquecidas” (ORLANDI, 1999, p. 33) que configuram o interdiscurso, determinando nosso dizer e nossa compreensão. Acrescente-se a isso o fato de que uma das principais características de um discurso é sua heterogeneidade constitutiva (BRANDÃO, 2002, p. 71), ou seja, ele é essencialmente múltiplo. Nasce na interação com outros discursos, num dado momento histórico-social (Ibid; p. 54).

São muitas as vozes que se entranham num mesmo discurso – e também, conseqüentemente, na visão ora adotada, numa mesma identidade. Antes, porém, de analisá-las dentro dos textos que compõem o objeto de estudo deste artigo, é imprescindível elucidar o processo em que o indivíduo é interpelado, o que nos parece central dentro das questões aqui discutidas. Isto porque se para Penna a atribuição de identidades é um ato de categorização (1999, p. 99), parece-nos mais adequado, em especial por conta do embasamento teórico que sustenta nossa argumentação, defini-la como um ato de *interpelação*.

2 Nesse sentido, concordamos com Karl Marx e Friedrich Engels, que são, como é notório, categóricos na defesa do materialismo histórico: “a produção das idéias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui como a emanação direta de seu comportamento material” (1998, p. 18).

III – Ideologia da mineiridade – interpelando mineiros

É o ato de interpelar que faz com que cada indivíduo seja levado a ocupar um determinado lugar, classe ou grupo numa sociedade – ou seja, posicione-se como sujeito (Cf. BRANDÃO, 2002, p. 38). Apenas enquanto tal, investido de uma roupagem ideológica, o indivíduo é capaz de produzir sentido. Para exemplificarmos, é na posição de “professor” que uma pessoa produz sentido numa situação de ensino em sala de aula; e é na de “pai” que a voz paterna de autoridade se faz mais ouvir mais veementemente.

Termo cunhado por Louis Althusser, foi com Michel Pêcheux que a interpelação obteve destaque no que se refere a seus aspectos discursivos. Para este estudioso francês, interpelar implica no assujeitamento do sujeito, de maneira a ser “conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar” (FUCHS; PÊCHEUX, 1990, p. 165). Claramente seguindo seus passos, Orlandi demonstra o processo através do qual o indivíduo, pessoa de carne e osso, se “converte” em sujeito (2001, p. 100), isto é, passa a materializar posturas ideológicas em suas falas ou outros modos de se expressar. Logo, o sujeito *mineiro*, no sentido de assujeitado à ideologia da mineiridade, forma-se no contato com a miríade de enunciados propaladores de elementos referentes à identidade local.

No entanto, o que nos permite descrever a mineiridade como sendo uma ideologia? Novamente recorrendo a Arruda,

A mineiridade exprime (...) uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas sociais. Por fundar a figura abstrata dos mineiros, a mineiridade tem as características do mito; estes [os mineiros] ao identificarem-se com essa construção absorvem o pensamento mítico e colaboram para a sua permanência; o mito, quando politicamente instrumentalizado, adquire **dimensão ideológica**. (1990, p. 198 – grifo nosso).

Esse mito se consolida e se sustenta nos três pilares anteriormente descritos – o constante resgate do passado mineiro, que há tempos orienta as falas de políticos de Minas; na citação, também recorrente, de que cabe à gente das Geraes (melhor dizendo, a seus políticos) a tarefa de conduzir os rumos da nação, atribuindo-se-lhes, pois, uma *missão*, a de construir a unidade nacional; e nos qualificativos com que os homens públicos locais referem-se a si próprios, o que, como vimos acima, serve para sustentar uma representação *conciliadora*, *pragmática* e de *habilidade política*. Dentro disso, de acordo com o cientista político Otávio Dulci (1984), sempre foi de interesse do político mineiro reforçar esse estereótipo que se faz de sua “classe”, no intuito de agregar as elites locais em torno de um projeto comum, o de difundir sua ideologia em meio a seu público/eleitorado.

Verifiquemos, então, de que modo se deu a textualização dessas práticas ideológicas.

IV – Mineiridade como estratégia discursiva

Tão antigo quanto as tradições mineiras, o recurso à mineiridade celebrou-se, principalmente, nas falas de políticos eminentes, como Milton Campos, Juscelino Kubitschek e Itamar Franco. Contudo, tornou-se particularmente significativo a partir de Tancredo Neves, que explorou as vozes das montanhas com, possivelmente, um vigor ímpar na história de Minas. Recordações de Tiradentes, dos Inconfidentes, da missão do estado enquanto norteador dos rumos da Federação e do caráter estabilizador, pragmático e conciliador do povo mineiro perpassam boa parte das comunicações produzidas pelo falecido político (Cf. ARRUDA, 1990, p. 218-9). É possível que Tancredo tenha personificado essa “aura” da mineiridade também devido ao contexto pós-ditatorial em que produziu as falas a que nos referimos.

E como a Tradição é uma constante inexorável do discurso destes “homens das montanhas”, segundo o lugar-comum já bastante difundido, não é de se surpreender que o neto de Tancredo abuse desse imaginário cultural nas peças de comunicação que produziu - e ainda produz. Aécio Neves encontra em episódios ocorridos nos tempos pretéritos de Minas a chave da interpelação de seu público.

Para efeito didático, procederemos a uma separação esquemática de trechos em que se fez uso de artifícios discursivos que nos interessam. A divisão terá como critério os três aspectos constitutivos da mineiridade. É importante ressaltar que tais características possuem muito em comum entre si, sendo portanto possível encontrar traços de uma em outra. Previamente, entretanto, empreenderemos uma descrição de alguns aspectos relevantes de nosso objeto de estudo.

Em princípio, percebe-se como primeiro aspecto comum a todos os “textos” analisados o emprego de elementos pertinentes à mineiridade logo *no início* das comunicações – principalmente com palavras impregnadas dessa simbologia mineira, conforme os dois discursos incluídos em nosso *corpus*. Começa-se dessa forma e só depois parte-se para a exposição de dados relacionados ao objetivo de cada “texto”³.

3 Ao menos na atualidade, a estratégia não é exclusiva de Aécio. Embora nosso foco não seja o discurso televisivo, acreditamos ser pertinente ressaltar que a propaganda gratuita do PMDB, exibida no dia 30 de maio de 2004, também *começa* citando a mineiridade, lembrando o passado de Minas e com uma apresentadora em meio às montanhas. O mesmo ocorreu no dia 14 de junho, durante o programa do PT mineiro, no qual a apresentação começou pelo tema do mineirismo.

a) Referências ao passado de exploração e de luta pela liberdade

Em uma das conclusões da investigação sócio-antropológica que empreende acerca da mineiridade, Maria Arruda afirma que “os políticos mineiros mobilizam a memória do passado no exercício de suas ações, enquanto legítimos porta-vozes de uma história transformada em tradição inquestionável” (1990, p. 257). Podemos partir dessa noção para guiarmos nossa análise daqui em diante.

No dia 16 de julho de 2001, por ocasião do “Dia de Minas”, Aécio discursou em Mariana, cidade histórica mineira. Pouco após iniciar sua fala, afirmou que

Essas virtudes [dos cidadãos de Minas, a que se referia antes] se expressam no **sentimento de comunidade**, no exercício da **tolerância**, na busca da paz. A História é testemunha de que só deixamos **nossa moderação** e **nossa cortesia** naqueles **momentos mais fortes em que temos que lutar** para a defesa da dignidade e pela guarda dos frutos de **nosso trabalho honrado** (NEVES, 2001 – grifos nossos).

Com isso, estabelece o vínculo identitário a partir da caracterização do mineiro típico – apegado à comunidade, tolerante e cordial, mas sem se deixar subjugar. Essa “inflexão” é pinçada do tempo dos inconfidentes, momento histórico marcado no âmbito social de Minas que serve como “mito fundador” do ufanismo mineiro – não por acaso é costume dos governadores eleitos serem escoltados, em sua carreata de posse, pelos **Dragões da Inconfidência do Regimento de Cavalaria Alferes Tiradentes**. Esse resgate discursivo da luta pela liberdade por parte do povo das Geraes, segundo Arruda, envolve declarações de homens públicos pelo menos desde a época do Império (Cf. ARRUDA, 1990, p. 218). Quando fala em lutar pela “defesa do fruto de nosso trabalho honrado”, remete às taxações abusivas que a Coroa portuguesa impunha à colônia, o que teria levado à eclosão da Conjuração.

O mesmo mote é utilizado no discurso de posse de Aécio, proferido da sacada do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, no dia 1º de janeiro de 2003. Segundo o governador, “Sempre manifestamos nossa boa fé, e, muitas vezes, fomos traídos por aqueles em quem confiávamos. Se nos tornamos menos loquazes e **mais prudentes**, depois da **repressão que se seguiu à Devassa de 1789**, não perdemos a boa fé” (NEVES, 2003 – grifo nosso). Após isso, enfatiza: “Assumo o governo de Minas com o propósito de, **no respeito a esse passado que nos honra**, retomar a luta histórica por uma federação autêntica” (Ibidem – grifo nosso). Ainda dentro dessa temática simbólica, afirma que “o tema de nossa bandeira reflete, mais do que o verso de Virgílio possa significar,

o profundo respeito que temos para com a liberdade” (Ibid). Por fim, justifica o uso das narrativas que sustentam sua apresentação, ao esclarecer que

Recorri ao passado de Minas e a seus valores morais, para dizer-lhes que eles nos serão necessários como jamais, a fim de vencer as imensas dificuldades que nos esperam. O mundo inteiro passa por uma crise profunda de identidade, e essa crise se reflete no agravamento das crises cíclicas da economia mundial. É nesses momentos que se recomenda o retorno ao lar, a solidariedade familiar, para a distribuição justa dos sacrifícios e a busca de segurança doméstica (Ibidem).

O trecho é significativo, na medida em que nos permite observar a relação entre o emprego discursivo do passado e os atributos mais alardeados do político mineiro, o que veremos no item a seguir.

Antes, porém, é preciso destacar ainda uma outra volta ao passado, embora não aquele de Tiradentes. Trata-se de uma menção ao período da atuação de Tancredo Neves, figura igualmente celebrada e ritualizada. Tanto que o contexto de enunciação desse discurso foi totalmente elaborado de forma a remeter ao avô de Aécio – ao proferir seu pronunciamento da sacada do Palácio da Liberdade, o governador eleito repete um gesto de Tancredo, que fez seu comunicado de posse no mesmo local, vinte anos antes. Assim, a primeira frase do discurso de Aécio Neves é “Mineiros, volto neste momento vinte anos no passado”, o que de imediato localiza o ouvinte no referido contexto que provoca uma mistura temporal – que, como vimos, é característica do mito –, implicando numa interdiscursividade entre as “vozes” do neto e do avô. Este é, com frequência, devido a sua atuação, visto como encarnação da “luta pela liberdade” – o que transparece na fala de Aécio, quando fala da época de Tancredo:

Era aquele um tempo em que as sombras da ditadura, ainda espessas, impediam o pleno alvorecer das liberdades públicas. **Era necessário que a autoridade cívica de Minas se erguesse, a fim de mobilizar a nação** para esconjurar as forças do ódio e restaurar a democracia.

O governador [Tancredo] convocava, da montanha, o brio nacional: **tínhamos que derrubar o sistema**, reconstruir o poder civil, dotar o país de nova constituição e jogar nos desvãos da história duas décadas de violência (NEVES, 2003 – grifo nosso).

Novamente, o povo de Minas surge como “salvador da pátria”, o que nos traz à lembrança, uma vez mais, a estreita proximidade entre a aura discursiva que envolve Tancredo e aquela relativa a Tiradentes. Isso se explica, segundo Arruda, ao caráter redentor do ex-governador em seus discursos, além de uma série de fatores históricos que, aos olhos do público, reúnem ambos – Tiradentes e Tancredo – sob um mesmo núcleo discursivo:

(...) os fatos acontecidos durante a doença de Tancredo Neves assemelham-se aos passos do calvário e, não casualmente, a figura de Tiradentes foi lembrada a todo momento. O desenlace daqueles dias de aflição deu-se no mesmo dia da morte do Inconfidente, conferindo forte carga simbólica ao evento e realimentando o imaginário tecido em torno da figura de um redentor (ARRUDA, 1990, p. 225).

b) Habilidade política: apego à estabilidade, à conciliação e à moderação

Voltando ao discurso em Mariana, percebe-se no trecho destacado no item anterior o uso de alguns adjetivos identificadores do que é “ser mineiro”. “Sentimento de comunidade”, “tolerância”, “moderação” e “cortesia” são alguns dos atributos determinantes para a fixação desse posicionamento do político mineiro. De acordo com Lima, o mineiro é equilibrado e paciente, o que lhe confere a capacidade de não se precipitar – e também o afasta dos extremos (2000, p. 80). É, pois, um moderado empedernido, sendo o tipo humano mais representativo do “equilíbrio” e do “centrismo” (Ibidem, p. 25-6).

Mais ao fim desse mesmo discurso, afirma que “(...) Minas tem o grave **senso da ordem**, e só o pode ter porque, **para nós, mineiros, não há ordem onde não houver independência política, liberdade** e bem-estar para todos” (grifo nosso). Aqui, concatena, numa relação condicionante, estabilidade e liberdade. Esta só encontra equilíbrio com a “ordem” a partir da conciliação (DULCI, 1984, p. 13), provavelmente o mais ostentado predicado ligado à mineiridade. Assim, que poderia ser um disparate em condições de produção distintas ganha coerência no contexto de Minas: o mineiro é livre, mas sem desprezar as normas vigentes; e enaltece o comportamento estável, sem que isso o torne submisso ou “recalcado”, e sim um sóbrio por excelência (LIMA, 2000, p. 32).

Ainda em seu discurso de posse, Aécio nos dá pistas do elo existente entre a valorização da estabilidade e o recurso a momentos históricos. Isso ocorre quando diz que recorreu “ao passado de Minas e a seus valores morais, para dizer-lhes que eles nos serão necessários como jamais, a fim de vencer as imensas dificuldades que nos esperam”, afirmando em seguida que “o mundo

inteiro passa por uma crise profunda de identidade”, concluindo que “É nesses momentos que se recomenda o retorno ao lar, a solidariedade familiar”. Em casos como este, estamos diante de uma “maneira de suportar a imprevisibilidade do futuro, através da certeza medrada na garantia da imutabilidade espaço-temporal” (ARRUDA, 1990, p. 221).

Nesse ínterim, a palavra “família” adquire posição que lhe confere propriedades ideológicas igualmente significativas. Torna-se uma espécie “porto seguro” em meio às intempéries sociais, vindo a materializar a concepção de estabilidade, bem ao gosto das representações observadas na fala de Aécio, quando este fala do “retorno ao lar” e da “solidariedade familiar”. Para Arruda, “a ritualização do passado como forma de preservar a identidade encontra seu *locus* privilegiado no universo das relações familiares” (1990, p. 192). Mas a importância da família vai além, se seguirmos a visão de Lima – para quem, diga-se, o núcleo familiar é o centro da sociedade mineira (2000, p. 179) – segundo a qual o mineiro é o homem nem do indivíduo isolado, nem das grandes massas anônimas. O generalista aprecia, diz-nos Lima, a “pequena coletividade, a associação, o partido, a cidadezinha”, o que explica o fato de Minas ser a unidade da federação com maior número de municípios, em sua grande maioria bastante pequenos (Ibidem, p. 94).

c) **Centralidade geográfica e unidade nacional: a “missão de Minas”**

O mais explorado dos aspectos constitutivos da mitologia da mineiridade é a chamada “missão de Minas”. A partir dessa concepção, resumidamente temos que o estado “abdicaria” de seus próprios interesses em prol da condução das grandes questões nacionais. Abriria mão de determinadas vantagens individuais em razão de uma “predestinação”, algo quase mítico (o que não seria fortuito), que lhe “importaria” guiar os rumos do país. “Entre os elementos formadores da constelação mítica de Minas encontra-se a idéia de que os mineiros são portadores de uma missão de promover a unidade nacional” (ARRUDA, 1990, p. 215). Para tanto, contribuem sobremaneira as narrativas do tempo dos Inconfidentes e, de maneira mais específica, de Tiradentes.

Tudo isso se deve, em grande parte, ao imaginário que faz de Minas o “centro” do país. Como conseqüência, temos a afirmação de Aécio, em sua posse, referindo-se ao Palácio da Liberdade, segundo a qual “esse edifício tem sido o centro de gravidade da vida política nacional”. Se tal posição fora conquistada politicamente, suas origens estão, em princípio, na geografia.. Esta é componente fundamental em tudo aquilo que diz respeito às *Geraes*. Assim, a *montanha* surge como peça-chave no mosaico da mineiridade. Ela simboliza a limitação espacial, o que implica no pragmatismo do mineiro e também seu apego às pequenas comunidades, citado no item anterior. Voltamos, por isso, a Lima, o qual esclarece que

O fenômeno mineiro é condicionado, todo ele, pela montanha. (...) [Ela] representa horizonte limitado, ritmo lento de andar, economia extrativa, vontade dominando a imaginação, vida sóbria e difícil, concentração psicológica e dispersão geográfica (...) A montanha é, antes de tudo, limitação de horizonte. Limitação no sentido psicológico e no sentido geográfico do termo (...) O homem da montanha sente, a cada momento, o horizonte fechado. Daí sua taciturnidade. Sua concentração. Sua fidelidade (2000, p. 67-8)

Dessas “complicações” topográficas, Alceu Amoroso Lima também conclui que a “vontade” domina a “imaginação – ensejando o predomínio do realismo e do pragmatismo sobre o idealismo. O cotidiano mineiro seria, seguindo essa linha de pensamento, marcado pela transposição de obstáculos rigorosos. Como não poderia deixar de ser, mais uma vez o discurso político soube apropriar-se dessa situação e capitalizar tais aspectos em seu favor. Em seu pronunciamento feito em Mariana, Aécio afirma: “Foi (...) **inspirado pela força de nossas montanhas** que na minha recente passagem pela Presidência da República criei os aeroportos industriais”(Ibidem, grifo nosso). O então presidente da Câmara dos Deputados encerra seu discurso dizendo: “Deixo em Ribeirão do Carmo a renovação de meu compromisso com a alma destas montanhas (...)”.

Sendo visto como pragmático, moderado e conciliador, comportando-se de tal modo mesmo ante a dura realidade que encara diariamente, o mineiro é tido como político nato, sendo a política intrínseca à sua própria existência (ARRUDA, 1990, p. 119), o que o torna o tipo brasileiro mais “apto” a dirigir a nação – tudo isso, enfatizamos uma vez mais, dentro do plano das representações sociais. E esse imaginário que Aécio aciona ao falar, em seu discurso no Palácio da Liberdade, da posse de seu avô como governador do estado, durante o período ditatorial: “Era necessário que a **autoridade cívica de Minas** se erguesse, a fim de **mobilizar a nação** para esconjurar as forças do ódio e restaurar a democracia. **O governador convocava da montanha o brio nacional**” (grifo nosso).

Mais referências à “missão” vêm abaixo, no mesmo pronunciamento, ao clamar que “sempre quisemos construir uma grande pátria brasileira e contribuirmos com o sangue dos mártires para a argamassa de sua fundação”. Aqui, recorda a Inconfidência, citando o fato de que foi em Minas que ocorreu o levante contra o poder explorador constituído – uma insurgência que conduziria o país à liberdade.

Quase no encerramento de sua fala, surge um trecho que, dentro da perspectiva aqui adotada, parece-nos capital:

O Brasil sempre precisou de Minas, e Minas nunca faltou ao Brasil. Não haverá desenvolvimento econômico e político em nosso país, sem o apoio do povo mineiro, representado por suas forças políticas e econômicas. A nação nasceu aqui, na riqueza produzida pelo trabalho, na cultura do século XVIII, que os homens do povo, como o Aleijadinho, puderam expressar, na consciência política dos rebeldes.

Trata-se de um parágrafo representativo da Missão de Minas – esta sendo posicionada como “fiel da balança”, historicamente decisiva para a consolidação de uma verdadeira unidade nacional. Recorre-se tanto às riquezas que outrora foram produzidas no estado, isto é, o ouro das lavras, quanto à força e à participação mineiras no desenrolar de episódios marcantes da história do Brasil.

V – Considerações finais

Qualquer político busca, em sua fala, conquistar a adesão de seu público ouvinte. No *corpus* de nossa pesquisa, nota-se que a busca por essa conquista passa pela veiculação da ideologia da mineiridade, visando à produção de efeitos de sentido que despertem o ufanismo e a identidade mineiras. Os dois exemplos analisados, se não são suficientes para dar conta de todas as representações feitas nesse sentido, ilustram, pela importância de suas enunciações, o quanto há de discursivo no que concerne ao imaginário social e político local.

A representação social que se faz da identidade mineira se perpetua sustentada na força de narrativas históricas, reproduzidas nas falas de políticos e assimiladas pelo receptor de Minas. Agregando as massas em torno de projetos comuns – ao menos no plano discursivo – os emissores generalistas lançam mão de estereótipos talvez bastante desgastados, mas que provam sua eficácia retórica na medida em que continuam sendo empregados vitoriosamente. Empiricamente, não dispomos de subsídios que confirmem vitórias eleitorais unicamente a partir destes recursos; entretanto, é difícil ignorar o fato de que tais artifícios acompanham, há muito, Aécio Neves em sua caminhada inegavelmente bem-sucedida até o momento.

Se, de certa maneira, conforme demonstramos e essas próprias “antigas vozes da sabedoria mineira” nos alertam, a mineiridade constitui uma fórmula de “manter pés no chão” – ou seja, de estabilidade e pragmatismo diante das vicissitudes inexoráveis – é temeroso pensar na instauração de uma *ideologia da passividade*, difundida por meio de mecanismos lingüístico-discursivos. Pouco a pouco, o projeto elitista Mineiro de manutenção do *status quo*, que como indicamos é “denunciado” por Otávio Dulci, talvez se concretize em definitivo. Há, portanto, muito mais em jogo do que o orgulho de ser mineiro.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- DULCI, Otávio. As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia. In: **Ciências Sociais Hoje** : anuário de Antropologia, Política e Sociologia. São Paulo: Cortez, 1984.
- EVELYN G. D. Orrico; FERREIRA, Lucia M. A. **Linguagem, identidade e memória social** : novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FUCHS, C., PÊCHEUX, M. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: **Por uma análise automática do discurso** : uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1990.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas** : ensaio de sociologia regional brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso** : princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. p. 33-55.
- _____. **Discurso e texto** : formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001. p. 9-25; 99-126.
- PENNA, Maura L. F. **Identidade social, linguagem e discurso**. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFPE, Recife.